

RDP – Antena 2

Programa: “O Véu Diáfano”

Comunicação sobre:
“Berio: Passaggio (1962)”

Quinta-feira, 15/09/2011, 23h00

Quinta-feira, 22/09/2011, 13h00

Duração comunicação: 60 minutos

Resumo:

Luciano Berio: “**Passaggio**” – obra cénica, experimental, composta no começo dos anos 60, menos conhecida que uma parte considerável da sua produção. Ópera (talvez a possa ainda denominar assim: ópera), a partir de um libreto de Edoardo Sanguineti, obra para soprano, coro duplo e orquestra, estreada em Milão, na Piccola Scala, em Maio de 1963.

Luciano Berio, a primeira das suas óperas: “**Passaggio**”.

O ressurgimento da música dramática e, em particular, da ópera, parecia absolutamente improvável aos artistas do estruturalismo até ao início da década de 1960.

E porém, após uma década de pesquisas intensas no puro domínio da gramática musical, nos anos áureos do serialismo, os compositores europeus começam a recuperar, aos poucos, a possibilidade de uma aplicação da nova linguagem musical a novos dramas possíveis, e à representação em palco – com vozes, e personagens e teatro (algo que parecia absolutamente incompatível com o mais puro ascetismo serial).

No terceiro quartel do século XX surgem assim, aos poucos, várias óperas como que despontando de um terreno queimado, após um exercício de *tabula rasa*. E os primeiros são (como não poderia deixar de ser, dir-me-ão...) os italianos, com **Intolleranza**, de Luigi Nono (em 1961), e **Passaggio**, de Luciano Berio (em 1962).

Os anos seguintes desta década de sessenta serão cada vez mais férteis em matéria de modernidade operática: o caso mais relevante terá sido o de **Die Soldaten**, de Bernd Alois Zimmermann, composta em 1963 e levada à cena em 1965. Cinco anos mais tarde, Luciano Berio compõe a sua **Opera** que, porém, não beneficia do mesmo entusiasmo público nem de um destino de sucesso semelhante ao de Zimmermann – como, na realidade, não beneficiará nenhuma outra ópera escrita nesse período, nem mesmo **Votre Faust** (1961-68), de Henry Pousseur, em colaboração com Michel Butor,

apesar da extraordinária realização da utopia da obra aberta num objecto musical e teatralmente eficaz.

A mesma época, porém, será marcada por outras criações se não operáticas, pelo menos “cénicas”, ou mesmo “dramáticas” no sentido mais alargado da palavra: Berio compõe **Viasage** (1961), o mesmo ano em que Stockhausen faz a sua primeira incursão no domínio teatral com **Originale**, uma obra cénica a partir da música electroacústica e instrumental de **Kontakte**, obras às quais György Ligeti responderá, por sua vez, no ano seguinte com **Aventures** (1962) e **Nouvelles Aventures**. Mauricio Kagel, por seu lado, iniciava as suas incursões pelas tendências do Teatro do Absurdo, com a peça radiofónica **Ein Aufnahmezustand** (1969) nomeadamente, seguidas pelo famoso filme **Ludwig van** (1970) e, finalmente, pela sua primeira ópera, **Staatstheater** (1971), que ficaria para a história como uma “anti-ópera” – nas próprias palavras do seu autor.

Assinalemos ainda uma tentativa não finalizada de Pierre Boulez, com a sua obra incompleta **Marges** (1962-64), para conjunto de percussões, em cujos esboços, guardados em Basileia, o compositor parece enveredar por uma dimensão cénica relevante; trata-se na mesma época em que o autor de **Pli selon Pli** trabalhava com J. Genet com vista à possível criação de uma ópera. Boulez cuja colaboração com a companhia teatral Renault-Barrault, nos anos cinquenta, conduziu, aliás, àquelas que podemos de certo modo considerar as primeiras criações teatrais modernistas, em música **Orestie** (1955), **Le crépuscule de Yang Kouei-fei** (1957), **Mon Faust** (1962) – apesar, naturalmente, de estas contribuições para o domínio do teatro não poderem ser consideradas propriamente “obras” musicais, mas antes fragmentos musicais relativamente dispersos.

Estes exemplos, ao longo do terceiro quartel do século XX, de escrita musical mais ou menos directamente aplicada ao teatro, porém, não conciliam em geral as novas tendências estruturalistas da linguagem com as possibilidades de uma reinvenção generalizada da ópera.

A grande viragem dá-se na exacta transição para o terceiro quartel do século XX, logo a partir de meados dos anos setenta, nomeadamente com **Le Grand Macabre** (1975/77), de Ligeti (provavelmente a ópera escrita nesta época que se traduziu num mais impressionante número de novas produções) as primeiras obras do ciclo **Licht**, de Stockhausen (a partir de 1977), bem como **La Vera Storia** (1981) e **Un Re in Ascolto** (1984), de Berio – para apenas citar algumas.

Estas várias etapas concêntricas de produção operática no terceiro quartel do século e, mais tarde, a partir dos anos setenta, revelam-se um húmos essencial que, nomeadamente na abertura das linguagens, permite aos compositores dos últimos anos do século multiplicarem as suas abordagens à ópera.